

N - Caracterização da Atividade Pesqueira

A Pesca Litorânea

a) A Pesca no Brasil

Dentre as atividades extrativistas, a pesca é uma das mais antigas e permanece, ainda, como a atividade mais importante da Zona Costeira, devido à magnitude do valor econômico a ela associado. Até 1960, segundo relatório do PRONABIO (1999), a pesca no Brasil era realizada quase que exclusivamente por pescadores artesanais, alcançando uma produção desembarcada de aproximadamente 280 mil toneladas/ano.

Embora importante fonte de geração de empregos e impostos, o setor pesqueiro carece de um efetivo apoio do setor público, seja sob o aspecto de incentivos ao incremento tecnológico da frota, do manejo de estoques pesqueiros, ou mesmo do controle da produção desembarcada. Ainda que em muitos casos represente a principal atividade primária de uma localidade, tanto em quantidade de pessoas envolvidas, quanto em produção desembarcada, a pesca não é alvo de um controle preciso e sistemático (federal, estadual ou municipal), em que pese a existência de iniciativas isoladas em alguns municípios litorâneos.

As medidas de ordenamento atualmente praticadas ainda não são suficientes para estruturar comunidades pesqueiras tampouco estudar e manejar os estoques explorados. Nas políticas a serem adotadas devem ser considerados tanto fatores ecológicos referentes aos estoques de peixes, quanto os aspectos socioeconômicos vinculados à atividade da pesca, além daqueles de caráter ambiental.

A produção pesqueira brasileira evoluiu até o início da década de 80, chegando a atingir cerca de 900 mil toneladas/ano. A partir de então, os dados disponíveis indicam uma queda, atingindo, no final da década de 90, cerca de 600 mil toneladas/ano (PRONABIO, 1999), sendo responsável por cerca de 800 mil empregos. A partir de 2001 se inicia uma recuperação da produção, em torno de 700 mil toneladas/ano.

A região entre o Cabo de São Tomé (RJ) e o Chuí (RS), segundo Szpilman (1999), é a mais rica do Brasil, sendo responsável por praticamente 80% em peso de todo o pescado capturado no litoral nacional. Qualitativamente existe, nesta região, uma boa variedade de espécies de considerado valor econômico como atum, camarão, lagosta, sardinha e peixes demersais. Porém, em termos quantitativos, em comparação com outros países de costa consideravelmente menor que a brasileira, esta produção é praticamente inexpressiva.

Em se tratando de produção pesqueira mundial, o Brasil possui uma participação insignificante dos cerca de 80 bilhões de toneladas capturadas anualmente. Quando comparada com a produção de outros países sul-americanos, a produção pesqueira nacional é bastante reduzida. A título de exemplo, a produção brasileira é 7,7 vezes menor que a produção peruana e 8,2 vezes inferior à produção chilena – produções que se destacam entre as 12 maiores do mundo. O Brasil ocupa o 13º lugar na produção mundial, segundo FAO, 2007.

Segundo Szpilman (1999), atualmente, nossa frota pesqueira não tem capacidade de capturar e armazenar corretamente os recursos vivos disponíveis nas áreas mais afastadas da Zona Econômica Exclusiva (ZEE). Esta zona é definida como a faixa do oceano que se estende do limite exterior do mar territorial, de 12 milhas náuticas de largura até 200 milhas da costa. No Brasil, esta faixa representa uma área de mais de 03 milhões de km².

De acordo com o mesmo autor, além de sucateada, a frota não tem autonomia para atingir as áreas com mais de 100 metros de profundidade, o que determina uma região totalmente inexplorada para a indústria pesqueira brasileira. Assim, a maior parte desta atividade ainda se concentra nas áreas de baixa profundidade, normalmente até 75 metros.

Via de regra, as atividades pesqueiras realizadas próximas à costa têm caráter artesanal, sendo realizadas por embarcações de até 10 toneladas. As atividades mais distantes da costa estão vinculadas à pesca industrial, exigindo embarcações de maior porte e com infra-estrutura para a realização da pesca por longos períodos. No entanto, em contatos com as colônias de pescadores, verificou-se que mesmo pequenas embarcações, em tese destinadas à pesca artesanal (pequenas traineiras, por exemplo), se distanciam da costa em busca de pescado, principalmente devido à redução dos estoques costeiros.

Segundo informações obtidas junto aos pescadores, esta diminuição dos estoques costeiros tem feito com que a atividade seja exercida cada vez mais longe da costa. Apesar das limitações impostas pela legislação, pescadores que possuem autorização somente para pesca até 03 milhas ultrapassam este limite, muitas vezes atuando em áreas próximas às plataformas de petróleo em busca de pescado.

Em relação à pesca realizada em áreas próximas às plataformas destaca-se que, de acordo com a Portaria MD Nº 30/DPC, de 30 de março de 2005 “são proibidas a pesca e a navegação, com exceção para as embarcações de apoio às plataformas, em um círculo com 500m (quinhentos metros) de raio, em torno das plataformas de petróleo”.

Desta maneira a presença do FPSO Cidade Niterói e das estruturas ligadas ao sistema de produção implicará na restrição da atividade pesqueira em um raio de 500 em torno da unidade do navio, esta área de segurança corresponde a 20,4 km², ou seja, 0,1% do total da área total, que possui cerca de 20.000 km².

Além deste deslocamento para o exercício da atividade, os pescadores movem-se por longos trechos de costa e o desembarque do pescado nem sempre é realizado no local de origem. Por exemplo, os pescadores fluminenses têm se deslocado até a região sul do estado da Bahia (Abrolhos) em busca de áreas com maior produtividade pesqueira. Muitas vezes, quando o desembarque é realizado em ponto que não aquele de origem da embarcação, o pescado é transportado para este ponto por via terrestre.

Por si, o deslocamento da atividade para a captura e desembarque do pescado dificultaria um levantamento mais preciso dos dados referentes à atividade. No entanto, como já observado, apesar de representar a principal atividade econômica desenvolvida no ambiente marinho da Zona Costeira, com elevado efeito multiplicativo na economia, a pesca, em diversos níveis de governo, ainda não possui as políticas devidas.

Neste contexto, as informações obtidas muitas vezes são contraditórias, ainda mais em se tratando de valores de desembarque do pescado capturado. Dados oficiais existentes quando confrontados com as informações de Colônias de Pescadores, normalmente, apresentam diferenças.

Além dos recursos explorados, uma fonte adicional de divisas pode ser representada pela maricultura, atividade ainda incipiente no Brasil. As poucas áreas de cultivo ocorrem, quase na sua totalidade, em trechos anteriormente colonizados por manguezais, o que em parte corresponde a um grande risco ecológico para estes ecossistemas.

Segundo Szpilman (1999), além do estado obsoleto da frota pesqueira nacional, a utilização de artes de pesca pouco seletivas, como o arrasto de fundo, a deficiência instrumental, a conseqüente concentração da área de pesca e a falta de estudos relativos aos estoques pesqueiros conduziram à redução dos estoques marinhos.

Ainda que sem uma maior precisão nos dados, de modo geral, tanto pescadores quanto autoridades têm como consenso a queda da produção pesqueira nas águas costeiras brasileiras.

Particularmente na região Sudeste, a situação de colapso em que se encontra a pesca em quase todos os estados, pode ser relacionada a uma série de fatores, dentre os quais o regime de sobrexplotação aplicado aos estoques comerciais, a poluição dos corpos d'água; e a atividade imobiliária, que expulsa o pescador artesanal de sua área de trabalho.

Como exemplo típico desta prática, pode ser citado o caso da sardinha. Nas décadas de 70 e 80, a produção média anual deste pescado na região Sudeste era de 200 mil toneladas, correspondendo em peso a 66% da pesca para a região e 38% para o Brasil. Em 1990, a captura deste pescado foi reduzida para 32 mil toneladas. Em 1996, após a legislação determinar épocas de defeso, houve uma recuperação desta captura, atingindo cerca de 100 mil toneladas por ano.

Segundo dados do IBAMA (2002), a pesca marinha no Sudeste, em 2002, registrou um decréscimo de 5,8% em relação ao ano anterior, com uma produção de 97.287,5 t. O Estado do Rio de Janeiro apresentou um decréscimo da ordem de 10,7% em função, principalmente, da queda de produção da sardinha verdadeira. Por outro lado, ocorreu uma produção significativa de peixe-sapo (1.272 t), merluza (382 t), polvo (353 t) e bonito listrado (4.766 t).

Soma-se a esta situação os constantes conflitos entre as atividades artesanais e industriais através da recíproca transferência de responsabilidades quanto à prática de pesca predatória e atuação sobre o mesmo estoque,

provocando a sua diminuição. Outra alegação é a de que muitos barcos industriais atuam na área reservada à pesca artesanal (03 milhas náuticas da linha da praia), provocando a destruição de artes e equipamentos de pesca e capturando peixes jovens.

Do ponto de vista ambiental, um expressivo problema diz respeito à quantidade de rejeito, ou seja, o pescado que não apresenta importância comercial em virtude da espécie a que pertence ou ao tamanho que possui. No caso do camarão, o índice de rejeito pode chegar a 10:1, o que significa que, de cada 10 kg de pescado capturado, somente 01 kg é de camarão; o restante não é utilizado e é jogado ao mar.

No presente estudo, para efeito de caracterização da atividade pesqueira na zona litorânea, tomou-se como Área de Influência Indireta os seguintes municípios: São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Cabo Frio, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Saquarema e Araruama. Já os municípios que englobam a Área de Influência Direta são: Campos dos Goytacazes, Macaé, Rio das Ostras e Casimiro de Abreu. Assim, todas as comunidades pesqueiras caracterizadas pertencem ao estado do Rio de Janeiro.

Como mencionado, os pescadores deslocam-se por longos trechos da costa e o desembarque do pescado nem sempre é realizado no local de origem. Assim, definições como número de pescadores, embarcações atuantes na área, quantidade de pescado desembarcado e áreas de pesca são de difícil determinação, pois envolvem pescadores locais e pescadores oriundos de outras regiões do país que pescam e desembarcam em pontos diversos.

As fontes de informações - colônias de pescadores ou órgãos públicos - não dispõem de dados uniformes, dificultando sobremaneira a análise e comparação dos dados obtidos.

A utilização destas fontes de dados, pelos problemas já apresentados, torna difícil até mesmo a elaboração de um quadro que consolide as informações disponíveis. Em alguns municípios, valores referentes às características da atividade pesqueira fornecidos pelas comunidades representativas do setor pesqueiro são bastante diferentes dos fornecidos pelo órgão responsável no mesmo município. Diante deste quadro, optou-se por fornecer, no presente relatório, o conjunto de dados obtidos em levantamentos de campo e suas

respectivas fontes, ainda que possam ser contraditórios e, em alguns casos, não suficientes para descrever satisfatoriamente a pesca municipal.

Os levantamentos de campo foram realizados em quase todos os municípios da Área de Influência, junto às colônias de pescadores, associações de pescadores, órgãos públicos vinculados à pesca, levantamentos de dados secundários junto às instituições de pesquisa e estatística de interesse, bem como consultas a relatórios técnicos disponíveis, no intuito de compor a caracterização dos perfis das atividades e das comunidades pesqueiras desses municípios. Os dados de campo foram levantados entre maio de 2003 e março de 2007.

Pesca no Litoral Fluminense

O litoral do Rio de Janeiro está situado numa zona privilegiada, quase no limite norte de uma expressiva área pesqueira, no que se refere ao alargamento da plataforma continental e à influência de águas subtropicais, mais frias e ricas em nutrientes, condições oceanográficas favoráveis ao aparecimento de grandes populações de peixes pelágicos, tais como a sardinha verdadeira, a cavalinha e o xerelete, entre outros.

A pesca é uma atividade importante tanto sob aspectos econômicos, como antropológicos em todo o litoral fluminense, sendo desenvolvida de forma artesanal e industrial. Predominantemente artesanal, é praticada em áreas próximas à costa, baías e lagoas costeiras. A pesca industrial ocorre em mar aberto, mas compete, em várias regiões costeiras, com a pesca artesanal.

Esta atividade, no Estado do Rio de Janeiro, tem seu núcleo mais importante localizado na região metropolitana, sobretudo nos municípios de Niterói e São Gonçalo, onde ocorre a convergência da produção, inclusive de outros estados.

A região de Itaguaí e parcialmente o município do Rio de Janeiro, na Baía de Sepetiba, tiveram seu auge em 1993, quando o desembarque na região representou cerca de 4% do total desembarcado no Estado do Rio de Janeiro. Nesse ano, o significativo aumento do desembarque na Ilha da Madeira (2,1% do total estadual) foi o responsável pelo desempenho da região no contexto estadual.

As principais espécies capturadas, em peso, são: camarão branco, camarão rosa, corvina, parati, pescadinha e tainha. A soma destas espécies é responsável

por 80% do pescado desembarcado, com destaque para a produção de tainha e parati.

A frota pesqueira no estado do Rio de Janeiro é composta, de maneira geral, por embarcações de grande porte, equipadas com instrumentos de navegação, detecção de cardumes e de conservação de pescado, que lhes permite grandes deslocamentos para áreas de mar aberto fora da Baía de Guanabara, inclusive em outros estados. Entretanto, também ocorrem em alguns municípios, embarcações de pequeno porte que realizam a atividade em áreas próximas à costa e em regiões lagunares.

Em relação à conservação do pescado, grande parte das embarcações que compõem a frota dos municípios considerados neste estudo é dotada de capacidade de armazenamento de pescado e gelo e não possuem sistema de resfriamento próprio.

A compra do gelo é feita antes da viagem e pode ser fornecida ou não pelo armador, sendo esta uma despesa a mais na pesca marinha. Em grande parte destas pescarias há um profissional chamado de geleiro que, além da pesca, é responsável por deslocar o gelo dentro do baú onde é colocado o pescado capturado.

Segundo dados do IBAMA-RJ, existem quatro frotas importantes na pesca industrial fluminense: camaroneira, atuneira, de cerco e espinheleira. A frota camaroneira possui 90 embarcações, medindo cerca de 19m; a frota atuneira conta com 30 embarcações em torno de 18m, a frota de cerco possui 138 embarcações, com medida aproximada de 15m e a frota espinheleira conta com 88 embarcações sem registro de tamanho.

As principais espécies de peixes capturadas pela frota industrial são: sardinha-laje, sardinha-boca-torta, bonito-listrado, sardinha-verdadeira, cavalinha, xerelete, albacora-laje, corvina e peixe-sapo. O principal crustáceo capturado é o camarão-rosa e dentre os moluscos, destaca-se a lula.

Durante muitas décadas, o estado do Rio de Janeiro foi o principal produtor de pescado do país, vendendo sua produção fresca para consumo imediato ou para a indústria de enlatados. Atualmente, as indústrias de pesca no estado têm diminuído e/ou eliminado sua frota particular, por diferentes motivos, como os elevados custos de manutenção das embarcações, encargos sociais e

trabalhistas, entre outras causas. O envelhecimento da frota pesqueira e o florescimento da pesca em outros estados propiciaram a queda na produção fluminense.

Na Região dos Lagos, a atividade pesqueira ocorre principalmente na costa e nas lagoas existentes. Somente os municípios de Arraial do Cabo e Cabo Frio apresentam infra-estrutura e, conseqüentemente, fornece condições para a ocorrência das atividades relacionadas à pesca oceânica.

Caracterização das Atividades de Pesca e das Comunidades de Pescadores nos municípios da Área de Influência Indireta.

Via de regra, as Colônias de Pescadores são as principais fontes de dados sobre a atividade de pesca, no que se refere ao número de pescadores, artes de pesca utilizadas, número de embarcações e, em certos casos, até à quantidade de pescado desembarcado.

A partir da alteração da esfera de controle das atividades de pesca do IBAMA para o Ministério da Agricultura e SEAP (Secretaria de Aquicultura e Pesca da Presidência da República), a maioria das Colônias de Pescadores vem realizando recadastramento de seus associados, o que poderá possibilitar uma melhor caracterização do número de pescadores e embarcações. As atuais listagens estão, conforme os próprios dirigentes das colônias, bastante desatualizadas, incluindo, por exemplo, pescadores já falecidos e outros que mudaram de ramo de atividade. Deste modo, em entrevistas nas colônias de pescadores foram levantadas, além do número de pescadores oficialmente associados, as estimativas, segundo as colônias, mais próximas da realidade.

Outras informações para obtenção de dados acerca do contingente de pescadores e embarcações dos municípios da Área de Influência Indireta foram obtidas através da Fundação CIDE – Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, da FIPERJ – Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro e da Federação dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro.

Na área de estudo foram identificadas diversas entidades vinculadas à atividade pesqueira, que informaram seus quantitativos estimados de números de pescadores e de embarcações.

Embora não seja possível estimar-se o número preciso de pescadores e embarcações por município de atuação, optou-se por este recorte geográfico para melhor descrever a atividade, mesmo que com algumas superposições.

a) Saquarema

Em Saquarema, foram identificadas três entidades relacionadas à atividade de pesca: Colônia de Pescadores Z-24 de Cabo Frio, Associação de Pescadores Artesanais e Amigos da Praia de Itaúna e a Associação dos Pescadores de Mombaça.

A Colônia de Pescadores Z-24 possui atualmente cerca de 800 associados, enquanto as Associações de Pescadores Artesanais e Amigos da Praia de Itaúna e dos Pescadores de Mombaça apresentam, respectivamente, cerca de 200 e 40 associados.

A pesca marinha em Saquarema ocorre com a frota pesqueira caracterizada por barcos com 7,5 metros de comprimento, em média, 500 kg de TBA e motor com potência variando de 15 a 40 Hp, sendo todos barcos “boca aberta”, ou seja, não possuem convés. Os petrechos utilizados, de maneira geral, na pesca marinha são: linha, espinhel, puçá, “boinha”, e rede de espera e de canceia, com algumas variações na utilização. A Figura II.5.3-13 ilustra os principais petrechos utilizados e suas áreas de atuação, segundo os pescadores da comunidade local.

A Figura II.5.3-14 apresenta a área onde atua a frota de Saquarema, de acordo com os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-13 – Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Saquarema;

Figura II.5.3-13 – Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Saquarema;

Figura II.5.3-14 – Área de pesca da frota do município de Saquarema.

Figura II.5.3-14 – Área de pesca da frota do município de Saquarema.

b) Araruama

Os pescadores de Araruama estão voltados, predominantemente, para a pesca no sistema lagunar, apresentando características de frota e petrechos utilizados em acordo com esta propriedade. A Figura II.5.3-15 apresenta a área onde atua a frota de Araruama, segundo representantes de entidades ligadas à pesca no município.

Há três entidades que representam a comunidade pesqueira na região: a Associação de Pescadores de Araruama, única entidade de pesca registrada no município, localizada em Praia Seca; a Colônia de Pescadores Z-16 de São Pedro de Aldeia e a Colônia de Pescadores Z-04 de Cabo Frio. A Associação apresenta 475 filiados, sendo estes também vinculados às duas Colônias mencionadas.

A pesca em Araruama é principalmente lagunar, com características de frota e petrechos que diferem das encontradas nos municípios próximos, como Saquarema e Marica. Assim, as embarcações são menores, pois necessitam de menor autonomia e potência de motor.

Figura II.5.3-15 – Área de pesca da frota do município de Araruama.

Figura II.5.3-15 – Área de pesca da frota do município de Araruama.

c) Arraial do Cabo

A pesca em Arraial do Cabo é uma das principais atividades econômicas do município, resultado da grande produtividade pesqueira da região, devido ao fenômeno da ressurgência que traz para a superfície grande quantidade de nutrientes, o que permite a multiplicação de microorganismos que servem de alimento para vários organismos marinhos.

A pesca nesta região começou a ser sobrexplotada há alguns anos, principalmente por embarcações de arrasto de grande porte, vindas de outras partes do Brasil, o que trouxe prejuízos ao ambiente e aos pescadores tradicionais locais. Por conta desses fatores, Arraial do Cabo veio a conter em seu espaço físico, em 1998, uma Unidade de Conservação Federal, na categoria de Reserva Extrativista Marinha (RESEX).

Devido à importância da atividade pesqueira na geração de empregos e renda para uma grande parcela da população de Arraial do Cabo, existem no município alguns órgãos públicos que atuam no ordenamento do setor.

Sob a esfera municipal, existe a FIPAC (Fundação do Instituto de Pesca de Arraial do Cabo), que, ao menos teoricamente, é o órgão público local encarregado do ordenamento das atividades pesqueiras. De acordo com a FIPAC, até novembro de 2002 existiam apenas cerca de 600 pescadores legalizados na região de Arraial do Cabo e aproximadamente 400 embarcações atuando na pesca nesta região. Essas embarcações, de acordo com a sua tipologia, são: traineiras, barcos de boca aberta, barcos com casario, canoas e caiaques. As principais artes de pesca utilizadas são a pesca de linha, espinhel, rede de cerco, zangareio, redinha e o cerco de praia. A produção anual de pescados estimada pela FIPAC para o município é de cerca de 2.000 toneladas.

A comunidade de pescadores de Arraial do Cabo é muito diversificada e está representada por cinco principais entidades: A Colônia dos Pescadores Z-05; APAC (Associação dos Pescadores de Arraial do Cabo); AREMAC (Associação da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo); ACRIMAC (Associação de Catadores e Criadores de Mariscos de Arraial do Cabo); APATAC (Associação dos Pescadores Artesanais Traineiros de Arraial do Cabo).

A Colônia de Pescadores Z-05 tem cerca de 1.200 associados e atende aos pescadores de Arraial do Cabo que pescam tanto na RESEX como em outras áreas.

De acordo com o presidente da colônia, em 2004 existiam registradas cerca de 714 embarcações em atividade, das quais 350 eram motorizadas (entre traineiras de 4 a 8 TBA e barcos com cerca de 2500 kg para pesca em alto mar de linha e espinhel), 60 eram caiaques (para a pesca de lula e de peixes pequenos), 69, canoas grandes a remo (para realização de cerco), 15 canoas pequenas (pesca de linha e de rede para a lula) e 220 “barcos de boca aberta” (400 a 1500 kg).

Apesar da Colônia de Pescadores Z-05 de Arraial do Cabo não realizar nenhum controle sobre a produção de pescados capturados no município, o presidente da entidade estima em cerca de 2.500 toneladas por ano a produção desembarcada em Arraial do Cabo. O pescado proveniente da pesca em alto mar é desembarcado na Marina dos Pescadores (na Praia dos Anjos), enquanto que o pescado oriundo da pesca de cerco é desembarcado na Praia Grande, na Praia da Ilha, na Prainha e no Pontal.

A APAC conta com cerca de 200 associados, tendo sua atuação voltada, principalmente, para os pescadores de canoas da Praia Grande. De acordo com dados desta associação, a pesca na Praia Grande é feita por 56 embarcações, em dois turnos de pesca – diurno e noturno. Da pesca diurna, participam 42 canoas, divididas em 21 pares, onde cada canoa possui uma tripulação de 09 pessoas, incluindo um vigia e um cabeiro. Já a pesca noturna é feita por 14 embarcações, divididas em 07 pares, com uma tripulação de 06 pescadores cada. A sede da APAC está localizada na Praia Grande e ocupa o mesmo prédio da sede da AREMAC.

A AREMAC, fundada em 1998, possui hoje cerca de 630 associados e é encarregada das atividades de cadastro e fiscalização da Reserva Extrativista existente no município (RESEX de Arraial do Cabo). De acordo com dados dessa entidade, atuam na RESEX de Arraial do Cabo, aproximadamente 2.000 pescadores artesanais, no entanto, o presidente desta entidade estima que existam, atuando na região de Arraial do Cabo, entre 4 a 5 mil pescadores. A frota pesqueira atuando na região é formada por cerca de 1.200 embarcações

registradas nesta entidade, das quais 300 são constituídas por traineiras de até 15 TBA motorizadas, 100 canoas a remo e 800 “barcos de boca aberta”, que apresentam de 7 a 9 metros. De acordo com informações do presidente da AREMAC, estima-se em cerca de 600 toneladas por ano a produção de pescado na região de Arraial do Cabo. Este pescado é desembarcado principalmente na Marina dos Pescadores (Praia dos Anjos), Praia Grande, Praia da Ilha, Prainha, Pontal e Marmutá.

Devido à qualidade das águas, os costões de Arraial do Cabo são ricos em bancos naturais de mariscos (mexilhões). Esses bancos sempre serviram para o abastecimento da população nativa. Com o aumento da densidade populacional, a diminuição da renda gerada pela pesca e o aumento do desemprego além do subemprego, esses bancos de mexilhões se tornaram, aos poucos, a única fonte de renda e, até mesmo, de proteína, para a população mais carente do município. Atualmente, parte desses bancos não pode ser explorada por motivos de preservação ambiental e outra parte está liberada para o extrativismo controlado.

A ACRIMAC foi fundada em 1997, incentivada pelo IBAMA regional, com o objetivo de organizar a coleta de mexilhões, existentes nos costões de Arraial do Cabo, preservar seus bancos naturais, defender os direitos dos coletores e fazer a transição do sistema extrativista para o sistema de produção em cativeiro, que transformaria os coletores em “fazendeiros do mar”. Esta Associação foi contemplada com verbas a fundo perdido, do Consulado do Japão e do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador. Com o apoio do IBAMA, SEBRAE/RJ, Instituto de Ecodesenvolvimento da Baía da Ilha Grande - IEDBIG, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Tecnológico, Educacional e Associativo - IBRAES e da Álcalis, por meio de cursos de capacitação e de apoio logístico, foi instalada uma fazenda marinha na região. Atualmente estão produzindo ostras, mexilhão e coquile, porém não deixaram a atividade extrativista. Isso porque a maricultura ainda não lhes deu o retorno desejável. Neste momento, estão buscando apoio para montar um centro de beneficiamento e transporte para a comercialização do produto com qualidade condizente às normas do SIF (Selo de Inspeção Federal).

De acordo com o presidente da ACRIMAC, estima-se que na região de Arraial do Cabo existam cerca de 120 famílias envolvidas com a atividade, sendo que, nos meses de verão, este número pode alcançar 170 famílias. A produção de

mariscos na região de Arraial do Cabo pode ser estimada em cerca de 670 toneladas por ano. Esta produção é desembarcada na Marina dos Pescadores e nas praias próximas aos costões onde os mariscos são coletados. Os principais meses para a extração do mexilhão na região de Arraial do Cabo compreendem de dezembro a abril, enquanto para o cultivo, correspondem de setembro a novembro.

As principais espécies capturadas na região têm um expressivo desembarque em Cabo Frio e Arraial do Cabo, em nível estadual. Estes municípios têm significativa importância no contexto estadual de capturas. O desembarque de bonito pintado nestes municípios, por exemplo, tem a soma de seu desembarque superior a 50% do total do Estado.

As principais espécies de peixe capturadas na região são: anchova, sardinha, bonito, xerelete, peixe-espada, serra, dourado, corvina, pargo, pitangola, olhete, olho-de-cão, cavala, maria-mole, peixe-galo, peroá, xaréu, badejo, cherne, garoupa e lula. As principais artes de pesca empregadas para a captura dessas espécies são a pesca de linha, espinhel, rede de cerco, rede traineira e rede de “lula na pedra”.

Os meses de maior captura na região de Arraial do Cabo vão de outubro a março, embora este período possa se estender a junho, devido à pesca da anchova.

Neste município, encontra-se, ainda, uma associação de mergulhadores que praticam a caça submarina e atua ao largo da costa de Arraial do Cabo. Embora os participantes pratiquem a atividade visando seu sustento, por meio da comercialização de seus produtos, não há disponibilidade de dados sobre o número de filiados nesta entidade.

Figura II.5.3-16 ilustra os principais petrechos utilizados na pesca marinha do município e suas áreas de atuação, enquanto a Figura II.5.3-17 apresenta a área onde atua a frota de Arraial do Cabo, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-16 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Arraial do Cabo;

Figura II.5.3-16 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Arraial do Cabo;

Figura II.5.3-17 – Área de pesca da frota do município de Arraial do Cabo.

Figura II.5.3-17 – Área de pesca da frota do município de Arraial do Cabo.

d) *Cabo Frio*

A pesca no município de Cabo Frio também é uma das principais atividades econômicas exercidas pela população economicamente ativa. O movimento de traineiras no canal do Itajuru mostra bem o desenvolvimento da indústria do pescado do município. Apesar da grande diversidade de espécies existentes, destacam-se: tainhas, manjubinhas, xaréus, xereletes, pargos, anchovas, garoupas, cações, sardinhas, camarões e siris. A época de maior piscosidade ocorre nos meses de verão, sendo permitida a pesca amadora durante o ano todo. Porém, os recursos pesqueiros estão escassos devido à ação dos arrastões e à falta de fiscalização por parte dos órgãos competentes, como ocorre em toda a região.

Em Cabo Frio, foram identificadas quatro entidades relacionadas à atividade de pesca: a Colônia de Pescadores Z-04 de Cabo Frio; a Associação de Pescadores, Aqüicultores e Amigos da Praia do Siqueira; a Associação de Pescadores do São João; a Associação de Maricultores de Cabo Frio – AMAR.

A Colônia de Pescadores Z-04, de Cabo Frio, foi fundada em 1934 e possui, atualmente, cerca de três mil associados registrados. Abrange pescadores da Praia de Santo Antônio até Cabo Frio, e segundo o presidente da entidade, na região existem 17 barcos de pesca industrial e 380 de pesca artesanal. Deste contingente de pescadores registrados, o representante da Colônia de Pescadores Z-04 não soube apresentar informações precisas quanto ao percentual relativo à pesca oceânica. Tal Colônia oferece assistência dentária e médica, além de promover cursos em parceria com o SENAR, como curso de doces caseiros, maricultura, beneficiamento de pescado, mecânica, alfabetização, entre outros.

Não há um local fixo para a comercialização do pescado, sendo vendido, aleatoriamente, por arremate. Segundo o representante da Colônia, a ausência de atracadouros para os barcos artesanais no município constitui-se um dos problemas enfrentados pelos pescadores artesanais, sendo, portanto, a principal demanda da categoria.

Os principais pontos de desembarque são: Praia da Barra, Estrada dos Passageiros, onde fica o Mercado de Peixes e estão localizadas algumas

empresas, como a Brasfish, Praia do Siqueira e Boulevard Canal, onde os pequenos barcos de pesca de linha desembarcam sua produção.

A Associação de Pescadores, Aqüicultores e Amigos da Praia do Siqueira existe há dois anos e tem 150 afiliados. O presidente estima que a frota pesqueira seja constituída por, aproximadamente, 68 embarcações, apesar dessa frota já ter sido muito maior. A pesca é realizada na Lagoa de Araruama, que tem conexão natural permanente com o mar. O lançamento de efluentes domésticos nesta lagoa é encarado como fator para a redução da salinidade e da qualidade da água, principalmente nas áreas mais povoadas e distantes do canal de comunicação com o mar, levando à possível redução da população de camarões. Esta área recebe as maiores quantidades de esgotos sanitários, resíduos de entrepostos e óleo de embarcações. O uso de ganchos e redes também vem reduzindo a ocorrência do camarão. Atualmente, a captura do crustáceo em ganchos durante 15 dias no inverno não ultrapassa dez quilos, enquanto que há 20 anos, chegava a 100 kg.

A Associação possui um píer construído recentemente, para o desembarque do pescado capturado. Além disso, possui máquinas de costura e uma cozinha industrial para o beneficiamento de pescado, porém não tem capital de giro para dar continuidade aos projetos. A entidade também já promoveu curso de culinária. Entre os projetos que a associação espera conseguir realizar estão: uma fábrica de gelo, contêiner para armazenagem de peixe e tanque-rede de camarão.

A Associação de Pescadores do Rio São João foi criada em 1988 para atender as necessidades dos pescadores de Santo Antônio, Distrito de Cabo Frio e que pescam no rio São João. A Associação engloba parte dos pescadores de Cabo Frio, Casimiro de Abreu e Silva Jardim. O presidente da entidade informou que, atualmente, existem cerca de 74 pescadores artesanais associados e estima que a frota pesqueira seja constituída por aproximadamente 160 barcos e canoas registradas na Associação. A entidade promove cursos, mas não consegue oferecer assistência dentária e médica. Entre os projetos que pretende desenvolver estão: criação de uma cooperativa de maricultores, pescadores e guaiamunzeiros, com sede na margem do rio São João; construção da sede da Associação dos Pescadores do Segundo Distrito de Cabo Frio, com um consultório para clínica geral e outro para odontologia e; cursos de especialização

nas áreas de salvatagem, navegação, meio ambiente, pintura, eletricidade, soldagem, mecânica hidráulica, informática e hotelaria.

A Associação de Maricultores de Cabo Frio - AMAR reúne os criadores de moluscos bivalves do município de Cabo Frio, localizados, principalmente, na Praia do Perú.

As principais espécies capturadas pelos pescadores de Cabo Frio são: sardinha (com maior destaque na produção total), anchova, pargo, olho-de-cão, xerelete, peixe-espada, dourado, corvina, pescadinha, serra, bonito, xixarro, peixe-galo, cação, badejo, cherne, robalo, lula, lagosta e cavaquinha. Nas lagoas e rios as principais espécies capturadas são: camarão cinza, carapicu, tainha, carapeba, e parati. As artes de pesca utilizadas pelos pescadores locais são diversas, destacando-se a pesca de linha, a rede de arrasto para camarão, rede de espera, rede de cerco para a sardinha e covos. Os principais meses para a pesca na região de Cabo Frio vão de outubro a fevereiro.

Dentre os problemas mencionados pelo presidente da Colônia de Pescadores Z-04, para o desenvolvimento das atividades pesqueiras do município, podem ser citados à falta de linhas de crédito para investimentos; a falta de apoio dos governos federal, estadual e municipal e a inexistência de uma fábrica de gelo, e entreposto frigorífico para atender aos produtores da Colônia e de toda região de Cabo Frio.

Para o representante da colônia, algumas medidas poderiam ser tomadas visando à melhoria das condições de trabalho para os pescadores artesanais do município, dentre as quais destacam-se a instalação de atratores artificiais de peixes na região e a construção de um entreposto frigorífico na região de Cabo Frio, sob a responsabilidade da Colônia Z-04.

Durante as pesquisas de campo realizadas, foram obtidas apenas algumas poucas informações sobre as atividades pesqueiras do município, no Departamento de Pesca da Secretaria Municipal de Pesca, Aqüicultura e Meio Ambiente de Cabo Frio, órgão municipal encarregado do ordenamento da atividade neste município.

De acordo com as informações levantadas, existem em Cabo Frio cerca de 3.000 pescadores em atividade. A produção pesqueira levantada pelo Departamento de Pesca para o município, no período de 1990 a 1998, foi de

79.564 toneladas, o equivalente a cerca de 8.850 toneladas anuais. A produção do ano de 2000 foi de cerca de 9.900 toneladas.

Em relação à frota pesqueira do município, segue abaixo uma síntese das principais características encontradas, de acordo com os pontos de desembarque:

- ★ frigoríficos no Cais da Praia do Forte, com embarcações apresentando motor com 350 ou 230 Hp. Os primeiros costumam ter capacidade de carga de 80 toneladas, enquanto o segundo tipo de embarcação apresenta 30 toneladas como limite de carga. Ambas as embarcações apresentaram cerca de 20 metros de comprimento. A traineira e o arrasto são as principais modalidades da localidade.
- ★ Mercado de Peixe: neste local, além da pesca com linha e espinhel, também há a presença de arrasto, traineira, rede de espera e covos. As embarcações usadas apresentam motor de 30 a 153 Hp, com 4 a 6 cilindros e capacidade de carga de 2 a 9 toneladas. O comprimento varia de 9 a 12 metros.
- ★ Pontal de Santo Antonio, a maioria das embarcações possui motor de 2 ou 3 cilindros de potência, com 3 toneladas de capacidade de carga e 9 metros de comprimento, de maneira geral.

A Figura II.5.3-18 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município e a Figura II.5.3-19 apresenta a área onde atua a frota de Cabo Frio, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-18 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Cabo Frio;

Figura II.5.3-18 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Cabo Frio;

Figura II.5.3-19 Área de pesca da frota do município de Cabo Frio.

Figura II.5.3-19 Área de pesca da frota do município de Cabo Frio.

e) Armação dos Búzios

Em Armação dos Búzios são encontradas diversas comunidades de pescadores – Praia dos Ossos, Geribá, Rasa, Manguinhos e Centro – que mantêm a tradição da pesca artesanal, porém quando conseguem alguma oportunidade na disputa com as escunas, também utilizam suas embarcações para os passeios turísticos.

Os pescadores de Búzios geralmente são donos dos petrechos e das embarcações de pesca e costumam pescar na região litorânea até 50km da costa. Os pescadores desse município também têm sofrido com a prática da pesca predatória e com a falta de fiscalização.

A entidade representativa dos pescadores em Armação dos Búzios é a Colônia de Pescadores Z-23. A entidade promove cursos em convênio com o SEBRAE, relativos a: processamento de pescado, criação de algas, maricultura, mecânica e pintura de embarcações, informática e de língua inglesa. Esta Colônia era uma capatazia da Colônia de Pescadores Z-04 de Cabo Frio, porém, depois da emancipação do município, ela passou a ser independente e a representar legalmente os pescadores. Atualmente, está representada por aproximadamente 750 associados, embora o presidente da colônia estime que na região de Armação dos Búzios existam cerca de 4.000 pescadores.

A Colônia possui poder sindical e tem como princípio defender os interesses dos pescadores, como aposentadoria, seguro defeso, assistência médica, entre outros. Também presta assistência dentária e médica, além de auxiliar a atividade em outros aspectos, como a subida dos barcos na rampa. A entidade não se envolve com a comercialização do pescado, pois não possui fábrica de gelo, transporte e câmara fria para estocagem do pescado. Deste modo, tudo fica a cargo do atravessador, que, até então, é a forma principal de comercialização do pescado.

Segundo dados obtidos na Colônia de Pescadores Z-23, existem, em Búzios, cerca de 70 embarcações vinculadas à pesca artesanal, representadas, principalmente, por traineiras menores que 10 TAB.

A pesca em Búzios, segundo o presidente da Colônia, é predominantemente artesanal e ocorre na área compreendida entre o litoral e as ilhas Branca, Feia e

Rasa, onde também são realizados os passeios turísticos com a utilização de saveiros. A produção estimada pela Colônia é de cerca de 360 ton/ano. Esta produção estimada não leva em consideração a pesca de sardinha, pois, de acordo com o presidente, apesar de intensa, esta pesca não é possível de ser dimensionada.

O desembarque do pescado é realizado nas praias de Manguinhos, Mangue, Rasa e Armação, sendo o pescado comercializado para restaurantes ou moradores locais. Na Praia da Armação, existe um atracadouro, utilizado para desembarque do pescado, que não conta com nenhum tipo de infra-estrutura para o desembarque pesqueiro, tratando-se, apenas, de um cais. Também em Armação, está localizado um ponto de abastecimento de combustível, destinado aos barcos pesqueiros, turísticos ou de moradores da região.

As artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Armação dos Búzios são: pesca de linha, rede de arrasto para camarão, rede de espera, rede para lagosta, rede de cerco para a sardinha e covos. Estes petrechos são utilizados na captura de diferentes espécies, principalmente a sardinha, anchova, pargo, dourado, castanha, maria-mole, xerelete, peixe-galo, cação e o camarão VG. Segundo o presidente da Colônia, não existem meses de maior produção, mas nos meses de veraneio, o esforço de pesca é maior, visando atender as demandas geradas pela presença de turistas.

O presidente da Colônia de Pescadores Z-23 indicou que os principais problemas para o desenvolvimento das atividades pesqueiras do município estão relacionados à pesca predatória (desrespeito aos períodos de defesos e a presença dos atuneiros) e a falta de apoio dos governos federal, estadual e municipal.

O representante da Colônia mencionou algumas medidas que poderiam ser tomadas visando a melhoria das condições de trabalho dos pescadores artesanais do município, dentre as quais destacam-se a maior aproximação dos governos federal, estadual e, principalmente, municipal com os pescadores; o término da construção da fábrica de gelo e a construção de planta frigorífica na região de Armação dos Búzios; a maior fiscalização aos atuneiros que agem na região, e a construção de um posto de abastecimento de diesel no cais para as embarcações.

Vinculada à Colônia, encontra-se a Associação de Pescadores de Armação dos Búzios, que tem caráter assistencial e é composta, predominantemente, por familiares dos pescadores. A Associação promove cursos de línguas estrangeiras e fornece tratamento dentário aos seus associados.

Existe também outra associação de pescadores em Armação dos Búzios, a Associação de Pescadores de Manguinhos, que conta atualmente com cerca de 75 associados. Um dos principais objetivos da criação dessa associação foi a construção de um espaço de ação para apoiar os pescadores e para a discussão sobre seus direitos sociais. Essa associação possui uma renda fixa através do aluguel de suas instalações - cinco peixarias e uma lanchonete - que serve para apoiar os pescadores na manutenção de barcos, fornecimento de tintas e assistência em geral.

Em relação a maricultura, existe uma Associação de Maricultores de Armação dos Búzios (AMAB), que vem buscando parcerias para a implantação de cultivos comerciais de moluscos bivalves em mar aberto, assim como de um laboratório para a produção de sementes de vieiras (*Nodipecten nodosus*) e de outros moluscos. Na região de Búzios, encontram-se, em fase de implantação, alguns pequenos cultivos de ostras e mexilhões. A Colônia de Pescadores de Búzios está desenvolvendo um projeto de maricultura para os pescadores junto ao SEBRAE, porém necessita de mais equipamentos e de capital de giro para ampliar a atividade.

A Figura II.5.3-20 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-21 apresenta a área onde atua a frota de Armação dos Búzios, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-20 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Armação dos Búzios;

Figura II.5.3-20 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Armação dos Búzios;

Figura II.5.3-21 – Área de pesca da frota do município de Armação dos Búzios.

Figura II.5.3-21 – Área de pesca da frota do município de Armação dos Búzios.

f) São João da Barra

O principal distrito pesqueiro de São João da Barra é Atafona, localizado próximo à foz do rio Paraíba do Sul e principal ponto de desembarque do pescado capturado na região. O encontro do rio com o mar forma na região o segundo maior delta do país. Atafona também se destaca pelo grande número de mulheres exercendo a atividade da pesca, a maioria trabalha nos mangues capturando caranguejos e complementando a renda familiar.

A técnica do puçá é proibida na região. Os pescadores utilizam o anzol, a rede de espera e o arrasto de balão para capturar, principalmente, o camarão e o peruá. As embarcações da localidade apresentam comprimento variando de 11 a 15 metros, capacidade de carga entre 10 e 15 toneladas e utilizam motor com potência de 3 a 6 cilindros.

Os pescadores utilizam a área de Atafona até Açú para a pesca do camarão, enquanto as demais espécies de pescado são capturadas em pontos mais distantes da costa. Muitas vezes, os pescadores percorrem mais de 250 km para obter uma maior produção. Alguns chegam até às plataformas, além de regiões diversas, como Macaé e o litoral do Espírito Santo, em busca de boas condições de pesca.

Os pescadores do município de São João da Barra estão representados pela Colônia de Pescadores Z-02 de Atafona, criada em 1935. Apesar de existir uma sala destinada à assistência médica e odontológica na sede da Colônia, a falta de recursos para investimentos não permitiu, ainda, a compra de equipamentos. Apesar disso, a sede da Colônia Z-02 apresenta estrutura, como a presença de computador, fax e telefone, além de uma sala de rádio.

Segundo as estimativas do presidente da Colônia de Pescadores Z-02, existem, atualmente, na região de São João da Barra, aproximadamente 5.000 pescadores, dos quais, cerca de 3.000 encontram-se associados à entidade. Segundo suas informações, existe cerca de 1.000 barcos atuando nas atividades de pesca do município, dos quais apenas 250 registrados. Do total de barcos atuando na região, cerca de 430 são pequenas traineiras.

As principais espécies capturadas pelos pescadores do município são o camarão, capturado com redes de arrasto, o peruá e o vermelho, capturados com

rede de espera, tarrafa, espinhel e rede caída. Toda a produção desembarca em propriedades particulares, ou seja, portos ligadas a frigoríficos e atravessadores. O presidente da Colônia Z-02 não soube estimar a produção de pescados do município de São João da Barra.

A Colônia já desenvolveu parcerias com a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e com a prefeitura para diferentes projetos, como piscicultura em tanques-rede e beneficiamento de pescado, mas as iniciativas não foram adiante.

Dentre os principais problemas relacionados com a atividade pesqueira no município, mencionado pelo presidente da Colônia de Pescadores do município, destacam-se a falta de um mercado de pesca estruturado na região que acabe com o monopólio dos atravessadores e a falta de recursos para desenvolvimento de projetos alternativos à pesca.

A Secretaria Municipal de Pesca de São João da Barra não está diretamente relacionada à organização de pescadores, no entanto, possui controle do desembarque de pescado no município, enviando relatórios ao IBAMA. Segundo dados desta Secretaria, existem, em Atafona, 16 frigoríficos, 205 embarcações, 5 estaleiros e 5 oficinas vinculadas à atividade de pesca.

A Figura II.5.3-22 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-23 apresenta a área onde atua a frota de São João da Barra, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-22 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de São João da Barra;

Figura II.5.3-22 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de São João da Barra;

Figura II.5.3-23 – Área de pesca da frota do município de São João da Barra.

Figura II.5.3-23 – Área de pesca da frota do município de São João da Barra.

g) São Francisco de Itabapoana

O município de São Francisco de Itabapoana possui cerca de 50 km de extensão de praias, mais as ilhas de Lima, do Peçanha e da Convivência, abrangendo cerca de 200 km² de áreas de manguezais.

A pesca no município tem expressiva importância, empregando cerca de 60% dos moradores, de acordo com informações do balcão regional do SEBRAE/RJ.

Barra do Itabapoana, Distrito de São Francisco de Itabapoana, apresenta pouca diversidade em termos de modalidades de pesca. Além da rede de espera, também são utilizados a linha de mão e o arrasto de camarão, além da presença de catadores de caranguejo.

A maioria dos pescadores utiliza instrumentos próprios além de barcos que variam de 2 a 13 metros de comprimento. A pesca na região é também realizada em áreas próximas às plataformas de petróleo. Como não há fiscalização constante, muitos pescadores acabam por não respeitar as zonas de exclusão estabelecidas por Lei.

Na busca por maiores produções, os pescadores de Barra de Itabapoana, normalmente, percorrem de 100 a 250 quilômetros da costa, cada embarcação sendo ocupada por cerca de cinco homens que permanecem de oito a dez dias no mar.

Os pescadores do município de São Francisco do Itabapoana estão representados pela Colônia de Pescadores Z-01 que, inicialmente, localizava-se em Guaxindiba. Posteriormente os pescadores fundaram, em Gargaú, há cerca de dois anos, a Colônia de Pescadores Z-01 que hoje reúne, aproximadamente, 400 pescadores filiados, embora seja estimado um total de 1.500 profissionais atuando na atividade pesqueira da região. De acordo com o presidente da Colônia, a entidade atende a todo o município de São Francisco de Itabapoana abrangendo desde o Rio Paraíba do Sul até o Rio São Francisco de Itabapoana.

As principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Gargaú são o arrasto de balão, espinhel, puçá e anzol. Geralmente pescam por toda a costa, em traineiras, e usam instrumentos próprios, com exceção do barco. Ao todo, existem cerca de 300 barcos atuando na pesca da região, embora apenas

25 estejam registrados na Colônia Z-01. A grande maioria destas embarcações (cerca de 65%) é destinada à captura de camarões e possui entre 8 e 12 metros.

As principais espécies de peixe capturadas pelos pescadores do município de São Francisco do Itabapoana são: o peruá, o camarão, o bagre branco, a tainha, o robalo e a carapeba.

As estimativas do presidente da Colônia de Pescadores Z-01 para a produção de pescados do município são de cerca de 20 toneladas anuais de camarão, enquanto a produção de peruá alcança aproximadamente 30 toneladas/ano.

As embarcações em São Francisco de Itabapoana apresentam cerca de 12 metros de comprimento e são adaptadas à pesca com o uso de diferentes petrechos.

Em São Francisco de Itabapoana há 3 pontos principais de desembarque: Barra de Itabapoana, Gargaú e Guaxindiba. Nesta última a principal pesca realizada, em produção, é a pesca com rede balão para captura de camarão, praticada por embarcações sem cabine, com 8 metros em média, capacidade de carga de 3, 8 ou 10 toneladas e com motor de 2 e 3 cilindros, principalmente.

Entretanto, as embarcações dos distritos de Barra de Itabapoana e Gargaú se caracterizam por apresentar de 9 a 12 metros de comprimento em média, motores de 2, 4 e 6 cilindros e capacidade de carga de 5 a 10 toneladas.

A Figura II.5.3-24 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-25 apresenta a área onde atua a frota de São Francisco de Itabapoana, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-24 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana;

Figura II.5.3-24 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana;

Figura II.5.3-25 – Área de pesca da frota do município de São Francisco de Itabapoana.

Figura II.5.3-25 – Área de pesca da frota do município de São Francisco de Itabapoana.

Caracterização das Atividades de Pesca e das Comunidades de Pescadores nos municípios da Área de Influência Direta.

a) Casimiro de Abreu

A comunidade pesqueira de Casimiro de Abreu está situada no distrito de Barra de São João, local onde deságua o rio São João. Neste local, são praticadas pescarias de rio, a pesca estuarina e a pesca oceânica, embora a atividade pesqueira predominante seja voltada para as áreas estuarinas.

O rio São João faz limite com o município de Cabo Frio, onde se localiza o distrito de Santo Antônio. Os pescadores de Barra de São João, que chegam a 100, são filiados à Colônia Z-04, de Cabo Frio, e pescam, principalmente, com rede de espera e linha de mão, não saindo para muito longe da costa, e retornando diariamente para terra. Não possuem nenhuma associação independente exclusivamente relacionada ao setor pesqueiro.

Em Barra de São João, existe uma associação de maricultores, formada por um grupo misto de profissionais, onde alguns pescadores são filiados - a Associação Livre dos Aqüicultores das Águas de São João (ALA), que foi fundada em 2001, com o objetivo centrado no cultivo de ostras e mexilhões. Possui, atualmente, cerca de 25 associados. Segundo o seu coordenador, a associação tem encontrado muitas dificuldades para desenvolver suas atividades, enfrentando grandes problemas com a poluição ambiental no rio São João (fenóis, defensivos agrícolas, redução do leito e outros), o que tem comprometido o cultivo de moluscos. Faltam, também, verbas para a construção de um laboratório para a produção de sementes de ostras, para o acompanhamento de assistência técnica e demais demandas necessárias para o desenvolvimento do cultivo.

Estimativas de pescadores da região do entorno da Barra do Rio São João indicam que existem cerca de 400 pescadores, marisqueiros e catadores de caranguejos, e cerca de 180 a 200 embarcações efetivamente pescando. Estas embarcações são artesanais (com menos de 10 TAB) a remo, algumas poucas traineiras e a maioria constitui-se de botes com motor de 18 cv para arrasto de camarão.

Embora a frota corresponda a Casimiro de Abreu, é importante destacar que os pescadores do município têm desembarcado na margem direita do Rio São João, que corresponde ao território de Cabo Frio. Assim, os barcos que desembarcam neste local são também caracterizados na descrição da frota que desembarca seu pescado na Praia Pontal de Santo Antonio.

A produção anual no município é estimada em cerca de 330 a 380 toneladas por ano de pescado. As artes de pesca encontradas são diversas, destacando-se a pesca de linha, rede de arrasto para camarão, rede de espera (de vários milímetros), rede de arrastão de praia e mergulho em apnéia. Já as principais espécies capturadas são a corvinota, anchoveta, corvina, xerelete, cação, robalo, tainha, peixe galo, graçaíinha, xaréu, sardinha, peixe-espada, camarão sete barbas, camarão VG.

O melhor período para o exercício da atividade depende da espécie a ser capturada, segundo os pescadores entrevistados. Deste modo, para a pesca de rede no mar, o inverno é a melhor época, enquanto que para os peixes de rio, os camarões, ostras, caranguejos e o guaíamum, o verão é a melhor época.

De acordo com os pescadores, os principais problemas para o desenvolvimento das atividades pesqueiras do município estão relacionados à falta de recursos para a compra de materiais (redes) e equipamentos para a melhoria da pesca; à falta de apoio dos governos federal, estadual e municipal aos pescadores; à falta de linhas de crédito voltadas para o financiamento e; à falta de sequência após os cursos que são promovidos pelo SEBRAE e outras instituições.

Para os pescadores locais, algumas medidas poderiam ser tomadas visando à melhoria das condições de trabalho para os pescadores artesanais do município, dentre as quais, destacam-se: o maior apoio dos governos à classe dos pescadores, no sentido de abrir linhas de crédito com maiores facilidades para os pescadores e a elaboração de cursos (de maricultura, administração pesqueira etc.) com maior suporte técnico, e apoio aos pescadores após a realização dos mesmos.

As áreas de maricultura estão localizadas na Barra do São João, existindo cerca de 80 maricultores.

A Figura II.5.3-26 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-27 apresenta a área onde atua a frota de Casimiro de Abreu, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-26 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Casimiro de Abreu;

Figura II.5.3-26 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Casimiro de Abreu;

Figura II.5.3-27- Área de pesca da frota do município de Casimiro de Abreu.

Figura II.5.3-27- Área de pesca da frota do município de Casimiro de Abreu.

b) Rio das Ostras

A pesca no município de Rio das Ostras, do mesmo modo que em Casimiro de Abreu, está voltada, predominantemente, para as áreas estuarinas. Dentro dos rios existem bancos naturais significativos de ostras nativas.

A categoria é representada pela Colônia de Pescadores Z-22 de Rio das Ostras, que possui cerca de 45 pescadores registrados, sendo que, segundo estimativas do presidente da Colônia, existe um total de até 250 pescadores na região. Estão registradas na Colônia cerca de 50 embarcações artesanais com 9,0 a 9,5 metros.

De acordo com informações fornecidas pelos representantes da Colônia de Pescadores estima-se que a produção desembarcada no município de Rio das Ostras é de cerca de 1.800 toneladas por ano, entre peixes e camarões. Esta produção é desembarcada na Boca da Barra, no late Clube e em alguns pontos ao longo do Rio das Ostras.

Dentre as artes de pesca empregadas, as mais utilizadas são a pesca com linha de mão, a rede de arrasto para camarão e a rede de espera. Com estas artes de pesca, são capturadas diferentes espécies, principalmente, a corvina, enchova, cação, cavala, pescada, peixe-espada, goete, camarão sete barbas, camarão barba ruça e camarão rosa (VG), sendo os meses entre janeiro e março os melhores para a atividade, segundo os pescadores locais.

Segundo o presidente da Colônia, os pescadores de Rio das Ostras pescam ao longo de toda a costa do estado do Rio de Janeiro. As áreas de pesca mais freqüentemente procuradas são conhecidas como Laje de Fora, Ilha do Costa, Ilha das Pombas, Laje do Meio, Ilha Trinta Réis e nas praias do Mar do Norte.

A Figura II.5.3-28 a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-29 apresenta a área onde atua a frota de Rio das Ostras, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-28 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Rio das Ostras;

Figura II.5.3-28 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Rio das Ostras;

Figura II.5.3-29 - Área de pesca da frota do município de Rio das Ostras.

Figura II.5.3-29 - Área de pesca da frota do município de Rio das Ostras.

c) Macaé

A atividade pesqueira em Macaé, município que faz parte da Região Norte Fluminense, gera um número significativo de empregos diretos e indiretos. De um modo geral, o setor tem o Arquipélago de Santana como ponto de referência, com a pesca desenvolvendo-se a norte, sul e leste da Ilha, chegando até 80 milhas da costa, alcançando a área das plataformas de exploração de petróleo e de gás natural.

Em Macaé, o setor pesqueiro encontra-se dividido em comunidades, de acordo com as modalidades de pesca, quais sejam: parelha, linha (longe da costa), traineira, rede de espera, puçá de peroá e balão (arrasto de camarão).

O arrasto de praia já foi a principal arte de pesca da região, seguida da pesca de linha próxima à costa. No entanto, em função da adoção de outros tipos de artes de pesca, do desenvolvimento urbano e econômico acelerado de Macaé (como consequência das atividades de exploração de petróleo e gás natural) e com os impactos ambientais associados, estas artes de pesca foram aos poucos sendo extintas.

A organização dos pescadores no município de Macaé é feita por duas entidades: a Colônia de Pescadores Z-03 e a Cooperativa Mista de Pescadores de Macaé.

De acordo com representantes, a Colônia de Pescadores Z-03, em 2002, possuía 1.800 associados e estimava um total de 7.000 pescadores atuando na pesca da região. Levantamentos mais recentes, no entanto, indicam que, em 2004, existiam cerca de 2.500 pescadores associados à Colônia, enquanto que o presidente da entidade estima que existam cerca de 12.000 pescadores atuando nas atividades de pesca do município.

Segundo o representante da Colônia Z-03, existem, atualmente, cerca de 1.200 embarcações com, no máximo, 13 metros de comprimento, atuando na pesca na região. As embarcações possuem motor com potência entre 2 e 6 cilindros, capacidade de carga entre 3 e 15 toneladas e comprimento variando entre 9 e 15 metros. A maioria dos barcos possui rádio para comunicação e sonar para facilitar a localização de cardumes.

A produção do município é desembarcada no Mercado Municipal de Macaé, e também em Barra de São João, Rio das Ostras, Búzios e Cabo Frio, reforçando a mobilidade desta atividade, onde pescadores de uma determinada região também desembarcam em diversos outros pontos, seja por economia de combustível ou por melhores condições de comercialização. De acordo com levantamento de campo, estima-se uma produção anual desembarcada para o município de 1.800 toneladas.

De acordo com dados da FIPERJ (Jablonski & Moreira, 1997), em Macaé o peruá foi a espécie dominante nas capturas no período de 1990 a 1996, chegando a representar 26% da produção total. O estudo aponta ainda as capturas do camarão barba-ruça, dourado, corvina, goete e pescadinha como relevantes no desembarque do pescado neste porto.

A Figura II.5.3-30 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município, enquanto a Figura II.5.3-31 apresenta a área onde atua a frota de Macaé, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-30 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Macaé.

Figura II.5.3-30 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Macaé.

Figura II.5.3-31 – Área de pesca da frota do município de Macaé.

Figura II.5.3-31 – Área de pesca da frota do município de Macaé.

d) Campos dos Goytacazes

A pesca no município de Campos dos Goytacazes, depois da produção de petróleo e de gás natural e da agricultura, especialmente do cultivo de cana de açúcar, é uma das principais atividades econômicas do município.

Da mesma forma como ocorre em Macaé e Quissamã, a pesca litorânea em Campos dos Goytacazes também é dividida em função das modalidades empregadas.

A pesca de parelha é realizada ao longo de todo o ano e atinge distâncias maiores que 100 km da costa. A pesca de linha é realizada por barcos que permanecem, em média, uma semana no mar. Esta modalidade de pesca também é realizada durante o ano todo. A pesca com rede de espera é realizada por embarcações que variam de 6 a 10 metros, ocupadas por três tripulantes, em média. O arrasto de balão é específico para a captura do camarão sete-barbas, barba russa e do camarão rosa. Esta modalidade de pesca é realizada durante todo o ano, exceto nos meses de defeso, a partir de 4 km de distância da costa.

Para a pesca realizada especificamente para a captura do pargo os barcos são caracterizados tanto como traineiras como adaptados da pesca de arrasto de balão.

Os pescadores do município de Campos estão representados pela Colônia dos Pescadores Z-19, localizada no distrito de Farol de São Tomé, com sede alugada e que abrange os pescadores desde as comunidades de Ponta Grossa dos Fidalgos até Quixaba. A entidade luta pelos benefícios dos pescadores, como seguro defeso do camarão, da sardinha, do caranguejo e da piracema; aposentadoria e projetos socioeconômicos, como a maricultura.

O total de pescadores registrados na colônia, segundo o presidente da entidade, é de 830 pescadores, embora sejam estimados cerca de 1.500 pescadores atuando na região. A frota pesqueira é constituída por 125 barcos, dos quais cerca de 96 estão registrados na Colônia.

Os pescadores vinculados à Colônia de Pescadores Z-19 estão, principalmente, envolvidos com a pesca do camarão, com 90% das embarcações direcionadas para a captura deste pescado.

O desembarque do pescado do Farol de São Tomé é realizado na praia, onde os barcos são retirados ou colocados no mar com auxílio de cinco tratores mantidos pela Colônia, devido à inexistência de um porto. Com este procedimento, ocorre um desgaste maior das quilhas das embarcações, determinando um maior gasto com a sua manutenção. A entidade mantém cinco tratores para execução desta rotina.

As principais espécies capturadas são o camarão, o pargo e a pescadinha. No entanto, o presidente da Colônia de Pescadores não soube estimar a produção pesqueira do município.

Para o presidente da Colônia Z-19, o principal problema associado à atividade relaciona-se ao comércio do pescado, que é feito invariavelmente com atravessadores, que, muitas vezes, são proprietários das embarcações; os pescadores encontram dificuldades em adquirir óleo diesel e gelo, para a comercialização do produto e em colocar o barco na água com os tratores. Segundo os pescadores entrevistados, a pesca está decaindo devido à atividade dos arrastões na costa e à falta de fiscalização por parte dos órgãos competentes. A comunidade pesqueira também destacou que a qualidade de vida do pescador tem piorado a cada dia, devido à falta de apoio assistencial, aos impactos ambientais e à redução dos recursos pesqueiros.

Buscando o desenvolvimento da atividade pesqueira no município, o representante da Colônia de Pescadores Z-19 sugeriu alternativas como a maricultura, beneficiamento de pescado, aquisição de uma bomba de óleo, para o abastecimento dos barcos e de uma fábrica de gelo, pois o óleo e o gelo chegam em Farol de São Tomé por intermédio de atravessadores, aumentando os custos. Outra reivindicação da Colônia está relacionada ao término da construção do píer da Barra do Furado, pois os barcos de Farol de São Tomé são rebocados por tratores diariamente e com a conclusão da obra, que está parada, os barcos poderão ficar protegidos na água, sem a necessidade do uso dos tratores.

Existe, também, no município de Campos dos Goytacazes, uma associação de pescadores que pescam em águas interiores, na Lagoa Feia, Lagoa do Jacaré, Canto do Rio e no Canal da Flecha, a Associação dos Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos. Esta Associação possui cerca de 200 associados, com uma frota de 150 barcos pequenos, com cerca de 7,0 metros de comprimento, em

média. A associação pretende desenvolver projetos de cozinha comunitária, corte e costura e cultivo de peixes em tanques-rede. A prefeitura oferece apoio aos pescadores, complementando o seguro defeso de quem não obtêm o benefício junto ao governo federal, em troca de serviços comunitários.

As embarcações de Farol de São Tomé apresentam de 9 a 12 metros e são, em sua maioria, botes com cabines, com motor de 3, 4 e 6 cilindros e capacidades de carga de 02 toneladas geralmente. Estas embarcações costumam permanecer pouco tempo em atividade, devido às suas características e à principal espécie-alvo, o camarão.

A Figura II.5.3-32 ilustra a área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores do município e a Figura II.5.3-33 apresenta a área onde atua a frota de Campos dos Goytacazes, segundo os representantes das entidades ligadas à pesca no município.

Figura II.5.3-32 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Campos dos Goytacazes;

Figura II.5.3-32 - Área de atuação dos principais petrechos utilizados pelos pescadores de Campos dos Goytacazes;

Figura II.5.3-33 - Área de pesca da frota do município de Campos dos Goytacazes.

Figura II.5.3-33 - Área de pesca da frota do município de Campos dos Goytacazes.

Considerações Finais

Segundo estimativas da Federação de Pescadores do Rio de Janeiro, para cada pescador registrado, existem 03 pescadores que exercem a atividade sem nenhum tipo de registro. Deste modo, nos municípios fluminenses da Área de Influência Indireta e Direta, haveria um contingente de mais de 100 mil pescadores.

O Quadro II.5.3-92, abaixo, sintetiza o número de pescadores e de embarcações das comunidades pesqueiras dos municípios das AI e AID.

Quadro II.5.3-92 - Número de pescadores e embarcações nos municípios das Áreas de Influência Indireta e Direta.

ENTIDADE	NÚMERO DE PESCADORES		NÚMERO DE EMBARCAÇÕES	
	REGISTRADOS	ESTIMADOS	REGISTRADAS	ESTIMADAS
Colônia de Pescadores Z-24 - Saquarema	800	-	-	-
Associação dos Pescadores Artesanais e Amigos da Praia de Itaúna (Saquarema)	200	-	-	-
Associação de Pescadores de Mombaça (Saquarema)	40	-	-	-
Associação de Pescadores de Araruama	475	-	-	-
Colônia de Pescadores Z-05 – Arraial do Cabo	1.200	-	714	-
APAC- Associação de Pescadores de Arraial do Cabo	200	-	56	-
AREMAC - Associação da Reserva Extrativista de Arraial do Cabo	630	2.200	1.200	
ACRIMAC – Associação dos Coletores e Criadores de Marisco de Arraial do Cabo*	-	-	-	-
Colônia de Pescadores Z-04 – Cabo Frio	3.000	-	397	x
Associação de Pescadores, Aqüicultores e Amigos da Praia de Siqueira – Cabo Frio	150	-	68	-
Associação dos Pescadores do São João – Cabo Frio	74	-	160	-
Colônia de Pescadores Z-23 – Armação dos Búzios	750	4.000	70	x
Associação dos Pescadores de Manguinhos – Armação dos Búzios	70	-	-	-
Associação Livre dos Aqüicultores das Águas de São João – Casimiro de Abreu	25	400	-	180
Associação de Pescadores de Barra de São João **	-	-	-	-

(continua)

Quadro II.5.3-92 (conclusão)

ENTIDADE	NÚMERO DE PESCADORES		NÚMERO DE EMBARCAÇÕES	
	REGISTRADOS	ESTIMADOS	REGISTRADAS	ESTIMADAS
Colônia de Pescadores Z-22 – Rio das Ostras	45	250	50	-
Colônia de Pescadores Z-03 - Macaé	2.500	12.000	1.200	-
Cooperativa Mista de Pescadores de Macaé*	-	-	-	-
Colônia de Pescadores Z-19 – Campos do Goytacazes	830	1.500	96	125
Colônia de Pescadores Z-02 - Atafona - São João da Barra	3.000	5.000	250	1.000
Associação de Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos – Campos dos Goytacazes	200	-	150	-
Associação de Pescadores do Parque dos Prazeres	100	-	60	-
Colônia de Pescadores Z-02 - Atafona - São João da Barra	3.000	5.000	250	1.000
Associação dos Pescadores de Barra de Itabapoana (São Francisco de Itabapoana)***				
Colônia de Pescadores Z-01- São Francisco de Itabapoana.	400	1.500	25	300
TOTAL	31.670	43.050	6.789	2.135

* Não foi possível obter informações em relação ao número de associados e embarcações.

** Pescadores associados à Colônia Z-04 - Cabo Frio

*** Pescadores associados à Colônia Z-01 – São Francisco de Itabapoana

Fontes: Levantamento de Campo Habtec (2002, 2003 e 2005)

Federação dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro

Destaca-se que as informações relacionadas ao número de pescadores e respectivas embarcações apresentadas no Quadro II.5.3-92, acima, tiveram como fonte oficial a Federação dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, sediada no município de Niterói na região metropolitana da capital, tendo sido complementadas por informações obtidas no levantamento de campo realizado pela equipe da HABTEC.

O Quadro II.5.3-93 apresenta o número de embarcações segundo o Relatório Técnico sobre o Censo Estrutural da Pesca Artesanal Marítima e Estuarina nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, elaborado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (Fundação PROZEE), pela Secretaria Especial de Pesca e Aquicultura (SEAP) e pelo IBAMA, emitido em novembro de 2005.

**Quadro II.5.3-93 - Número de embarcações dos municípios
das Áreas de Influência Indireta e Direta.**

MUNICÍPIO	NÚMERO DE EMBARCAÇÕES
Araruama*	44
Saquarema*	19
Arraial do Cabo	21
Cabo Frio	22
Armação dos Búzios	48
Casimiro de Abreu	36
Rio das Ostras	21
Macaé	35
Campos dos Goytacazes	70
São João da Barra	67
São Francisco de Itabapoana	145
TOTAL	528

* Municípios cuja atividade pesqueira é predominantemente lagunar.
Fonte: Relatório Técnico, 2005.

O Quadro II.5.3-94, a seguir, apresenta as principais artes de pesca utilizadas nas Áreas de Influência Indireta e Direta, de acordo com levantamento de campo realizado pela HABTEC, conforme citado anteriormente.

**Quadro II.5.3-94 - Artes de pesca litorânea e continental das
Áreas de Influência Indireta e Direta.**

PESCA LITORÂNEA	PESCA CONTINENTAL
Rede de espera de caída	Espera
Rede de espera	Cerco ou lanço
Anzol/linha	Tarrafa
Traineira -lance/cerco	Linha
Traineira –sardinha	Gancho de peixe (curral)
Arrasto de porta	Puçá
Arrasto de praia	Caceia para camarão
Mergulho	Tróia (malha 40)
Coleta de mexilhão	Buracaria (recifes artificiais com engodo)
Tarrafa na praia	
Pipa (espinhel)	
Espinhel de fundo e de superfície	

Fonte: Levantamento de campo Habtec (2002, 2003 e 2005).

A pesca artesanal na região pode ser considerada como “Pequena Produção Mercantil (ampliada)” (Diegues, 2004), ou seja, a pesca passa a ser a principal ou única fonte de renda do pescador, não havendo mais o exercício da atividade com fins de subsistência. Além disso, toda a produção é vendida e não exclusivamente a atravessadores individuais, mas principalmente a empresas de pesca e peixarias maiores, a Atum do Brasil e a *Brasfish* Indústria de Pesca são exemplos de empresas pesqueiras que atuam na região, além da presença de vários frigoríficos de diferentes tamanhos. Muitas vezes há um certo compromisso entre estas empresas e os pescadores/proprietários de embarcações, com o primeiro fornecendo gelo e/ou combustível e o segundo grupo comprometendo a venda do pescado a uma determinada empresa.

Desta maneira, a venda do pescado é feita a atravessadores, que podem ser pequenos comerciantes ou constituir empresas de médio porte. O pescado produzido na região abastece mercados locais, regionais, assim como são vendidos em outros estados e regiões do Brasil e, em algumas situações, exportados.

Em relação ao beneficiamento do pescado, na maioria dos casos é realizado pelas empresas que compram o pescado. Quando a pesca é realizada por pequenas embarcações e próxima à costa, o beneficiamento, quando feito, passa a ser função dos pescadores. De maneira geral, o pescado produzido na região apresenta poucos cuidados na conservação e na manutenção da boa qualidade e aparência, diminuindo seu valor no momento em que é comercializado. A exceção ocorre em pescados destinados à venda para grandes empresas, como o atum.

Sintetizando as informações apresentadas anteriormente o Quadro II.5.3-95 apresenta as principais espécies capturadas na região, sendo a sardinha considerada ainda o recurso mais explorado.

Quadro II.5.3-95 - Principais espécies de peixes marinhos capturados pelas artes de pesca na área de abrangência do projeto.

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
Ariidae	<i>Arius spixii</i> (Agassiz, 1829)	Bagre amarelo
Ariidae	<i>Genidens genidens</i> (Valenciennes, 1839)	Bagre
Ariidae	<i>Netuma barba</i> (Lacépède, 1803)	Bagre branco
Balistidae	<i>Balistes capriscos</i>	Peruá
Branchiostegidae	<i>Caulolatilus chrysops</i> (Valenciennes, 1833)	Batata
Carangidae	<i>Caranx hippos</i> (Linnaeus, 1766)	Xarel
Carangidae	<i>Caranx latus</i> Agassiz, 1831	Xerelete
Carangidae	<i>Chloroscombrus chrysurus</i> (Linnaeus, 1766)	Palombeta
Carangidae	<i>Selene setapinnis</i> (Mitchill, 1815)	Galo
Carangidae	<i>Seriola dumerili</i> (Risso, 1810)	Olho de boi
Carangidae	<i>Seriola fasciata</i> (Bloch, 1793)	Pitangola
Carangidae	<i>Seriola lalandi</i> Valenciennes, 1833	Olhete
Carangidae	<i>Trachurus lathami</i> Nichoes, 1920	Chicharro
Centropomidae	<i>Centropomus parallelus</i> Poey, 1860	Robalo
Clupeidae	<i>Harengula clupeola</i> (Cuvier, 1829)	Sardinha cascadura
Clupeidae	<i>Opisthonema oglinum</i> (Lesueur, 1818)	Sardinha laje
Clupeidae	<i>Sardinella brasiliensis</i> (Steindachner, 1789)	Sardinha verdadeira
Coryphaenidae	<i>Coryphaena hippurus</i> Linnaeus, 1758	Dourado
Gadidae	<i>Urophycis brasiliensis</i> (Kaup, 1858)	Abrotea
Lutjanidae	<i>Lutjanus</i> sp	Vermelho
Mugilidae	<i>Mugil curema</i> Valenciennes, 1836	Parati
Mugilidae	<i>Mugil liza</i> Valenciennes, 1836	Tainha
Mullidae	<i>Mullus argentinae</i> Hubbs & Marini, 1935	Trilha
Percophidae	<i>Pseudopercis numida</i> Ribeiro, 1903	Namorado
Pomatomidae	<i>Pomatomus saltator</i> (Linnaeus, 1766)	Anchova
Sciaenidae	<i>Cynoscion jamaicensis</i> (Vaillant & Bocourt, 1883)	Goete
Sciaenidae	<i>Cynoscion striatus</i> (Cuvier, 1929)	Pescada
Sciaenidae	<i>Cynoscion virescens</i> (Cuvier, 1830)	Pescada cambuçu
Sciaenidae	<i>Isopisthus parvipinnis</i> (Cuvier, 1830)	Pescadinha
Sciaenidae	<i>Micropogonias furnieri</i> (Desmarest, 1823)	Corvina
Sciaenidae	<i>Paralichthys brasiliensis</i> (Steindachner, 1875)	Maria luiza
Sciaenidae	<i>Umbrina canosai</i> Berg, 1895	Castanha
Scombridae	<i>Katsuwonus</i> sp	Bonito
Scombridae	<i>Scomberomorus cavalla</i> (Cuvier, 1829)	Cavala

(continua)

Quadro II.5.3-95 (conclusão)

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
Scombridae	Thunnus alalunga (Bonnaterre, 1788)	Albacora
Scombridae	Thunnus sp	Atum
Scombridae	Ttrichurus lepturus	Espada
Serranidae	Epinephelus niveatus (Valenciennes, 1828)	Cherne
Serranidae	Epinephelus sp	Garoupa
Serranidae	Mycteroperca sp	Badejo
Sparidae	Pagrus pagrus (Linnaeus, 1758)	Pargo
Dasyatidae	Dasyatis guttata (Bloch & Schneider, 1801)	Raia manteiga
Dasyatidae	Dasyatis centrora (Mitchill, 1815)	Raia prego
Rhinobatidae	Rhinobatos percellens (Walbaum, 1792)	Viola
Sphyrnidae	Sphyrna sp	Cação martelo
Carcharhinidae	Carcharhinus sp	Cação

De acordo com o Inventário de Áreas Úmidas Brasileiras (Diegues, 2002), os períodos de safra das principais espécies capturadas nos municípios integrantes da AI estão apresentados a seguir:

- ★ Badejo (*Mycteroperca sp*) – A safra desta espécie compreende os meses de junho e julho.
- ★ Cação (*Carcharrhinus sp.*, *Sphyrna sp.*) - Os meses de safra correspondem a: janeiro, fevereiro, março, maio, junho, novembro e dezembro.
- ★ Camarão barba-ruça (*Artemisia longinaria*) – A safra do camarão barba-ruça corresponde aos meses de março a maio, embora apresente grande flutuação. O camarão barba-ruça só não é capturado na área de estudo no período de defeso.
- ★ Camarão-rosa (*Farfantepenaeus paulensis*) – A safra corresponde, geralmente, aos meses de janeiro-fevereiro a abril-maio. O camarão rosa só não é capturado na área de estudo no período de defeso.
- ★ Corvina (*Micropogonias furnieri*) – O período de safra corresponde aos meses de agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro.
- ★ Dourado (*Coryphaena sp.*) – A safra desta espécie corresponde aos meses compreendidos entre setembro e dezembro.

- ★ Garoupa (*Epinephelus marginatus*) – O período de safra corresponde de fevereiro a junho.
- ★ Goete (*Cynoscion jamaicensis*) – Embora apresente grande variação, a pesca do goete apresenta maior produção nos meses correspondentes ao verão.
- ★ Pescadinha (*Cynoscion sp*) – Os meses que correspondem à safra da pescadinha são: janeiro, fevereiro, março, julho, junho e agosto.
- ★ Peroá (*Balistes capriscos*) – Também conhecido como peixe-porco não apresenta período de safra definido, embora alguns pescadores afirmem ter maior captura nos meses de março a junho.
- ★ Tainha (*Mugil cephalus*) – Período de safra compreendido entre abril e setembro, época de migração reprodutiva desta espécie.
- ★ Sardinha (*Sardinella brasiliensis*) – O período de safra corresponde os meses de janeiro a junho.
- ★ Xerelete (*Caranx latus*) – A safra desta espécie corresponde o período de janeiro a abril.

Períodos de Defeso

A determinação de períodos de defeso, ou seja, períodos em que a captura de determinadas espécies é limitada ou proibida, é uma ferramenta de controle do esforço pesqueiro que visa à manutenção do estoque impedindo a pesca nos períodos reprodutivos.

Os períodos de defeso relativos às espécies e aos municípios das Áreas de Influência Indireta e Direta são descritos no Quadro II.5.3-96, a seguir:

Quadro II.5.3-96 - Períodos de defeso relacionados aos municípios das Áreas de Influência Indireta e Direta da atividade.

Nome Popular	Nome Científico	Defeso *	Norma
Camarão Sete Barbas	<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>	1/Out à 31/Dez	IBAMA nº 91, de 06/02/2006
Camarão Branco	<i>Penaeus schmittii</i>	1/Out à 31/Dez e 1/Mar à 31/Mai	IBAMA nº 92, de 07/02/2006
Camarão Rosa	<i>Penaeus brasiliensis e paulensis</i>	1/Mar à 31/Mai	IBAMA nº 92, de 07/02/2006

(continua)

Quadro II.5.3-96 (conclusão)

Nome Popular	Nome Científico	Defeso *	Norma
Camarão Barba Russa	<i>Penaeus brasiliensis</i>	1/Out à 31/Dez e 1/Mar à 31/Mai	IBAMA nº 92, de 07/02/2006
Camarão Santana	<i>Penaeus brasiliensis</i>	1/Out à 31/Dez e 1/Mar à 31/Mai	IBAMA nº 92, de 07/02/2006
Caranguejo-Uçá	<i>Ucides Cordatus</i>	1/Out à 30/Nov e 1ª 31/Dez	IBAMA nº 52, de 30/09/2003
Caranguejo-guaíamum	<i>Cardisoma guanhumi</i>	1/Out à 31/Mar	IBAMA nº 53, de 30/09/2003
Cherne-poveiro	<i>Polyprion americanus</i>	6/Out/2005 até 6/Out/2015	MMA nº 37, de 06/10/2005
Mero	<i>Epinephelus itajara</i>	23/set /2002 até 23/set/2007	IBAMA nº 121, de 20/09/2002
Mexilão	<i>Perna perna</i>	1/Set à 30/Nov e 1/Jan à 28/Fev	IBAMA nº 09, de 20/03/2003
Sardinha Verdadeira	<i>Sardinella brasiliensis</i>	11/Jul/2006 à 10/Set/2006	MMA nº 07, de 20/11/2003

* A cada ano as datas do defeso devem ser conferidas junto ao órgão competente, porque elas podem sofrer alterações.
Fonte: CEPESUL (<http://www.ibama.gov.br/cepsul>)